O CÔNEGO ANTÔNIO PINTO DE MENDONÇA - O SACERDOTE E O POLÍTICO

FERNANDO CÂMARA

Causou-me surpresa o honroso convite formulado por este Instituto para proferir nessa magna reunião literária, a leitura de meu humilimo trabalho sobre a personalidade marcante do Cônego Antônio Pinto de Mendonça publicado na imprensa cearense, quando da decorrência do centenário de seu falecimento, ocorrido em 15 de abril último.

Isto porque, não sendo um intelectual ou coisa semelhante, mas apenas um curioso em tudo aquilo que diz respeito ao passado ou às tradições de minha terra natal — Quixeramobim — cuja história é pontilhada de muitos acontecimentos dignos de serem recordados, e cujos filhos sempre pocuraram projetá-la no âmbito estadual ou mesmo federal, através de seus grandes feitos!

O Cônego Antônio Pinto de Mendonça não era quixeramobiense, mas radicando-se naquele sertão como vigário colado da Paróquia, tomou-se de amores pela terra e tudo fez pelo seu progresso e bem estar social.

Se tivesse vindo ao mundo em nossos dias, certamente teria sido agraciado com a cidadania quixeramobiense, a exemplo de outras personagens, como o foram Manuel Bandeira, Gustavo Barroso, Dom Antônio de Almeida Lustosa, ex-governadores Virgílio Távora e Plácido Aderaldo Castelo, portadores dessa honraria.

Como quixeramobiense amante de sua terra e admirador daqueles que fizeram ou que procuram fazer o seu progresso, achei portanto um dever de gratidão, associar-me às homenagens que a Paróquia de Quixeramobim prestou ao saudoso sacerdote e homem público, quando do centenário de seu falecimento, escrevendo a crônica — O CÔNEGO ANTÔNIO PINTO DE MENDONÇA — O SACERDOTE E O POLÍTICO.

---

* Palestra proferida na reunião do INSTITUTO DO CEARÁ, ocorrida a 4 de maio de 1972.

Não esperava porém, que a publicação deste trabalho chegasse ao conhecimento desse Instituto, e mais ainda, que o seu autor merecesse a honra de proferir a sua leitura em tão seleta reunião!

Permitam-me senhores, aceitar este convite não como uma deferência a minha pessoa, mas como uma homenagem póstuma à memória daquele grande cearense que foi o Cônego Antônio Pinto de Mendonça.

Será mais uma prova da gratidão que ele recebe agora não só de Quixeramobim, mas de todo o Ceará, através de sua mais alta entidade cultural — O Instituto do Ceará.

Agradeço sinceramente ao Sr. Presidente, ao Prof. João Hipólito Campos de Oliveira, portador do honroso convite, aos demais membros desse Instituto, a presença de todos, a esta importante reunião, e agora farei a leitura do meu trabalho intitulado — O CÔNEGO ANTÔNIO PINTO DE MENDONÇA — O SACERDOTE E O POLÍTICO:

Há precisamente um século, enlutava-se a Província do Ceará, com o falecimento de uma das figuras de maior destaque na vida política e religiosa daquela época:

Referimo-nos ao Cônego Antônio Pinto de Mendonça, antigo vigário colado de Quixeramobim, e natural do Aracati, onde veio ao mundo pelos idos de 1803.

Das mãos de Dom Thomaz de Noronha — penúltimo bispo de Pernambuco a ter jurisdição no Ceará — recebeu o presbiterato em 12 de fevereiro de 1827, sendo em seguida, nomeado vigário da Paróquia de Fortaleza, cargo que ocupou até 1831.

Se Aracaty se orgulha de registrá-lo como um dos seus mais ilustres filhos, foi, porém, em Quixeramobim, que o Conego Pinto de Mendonça se projetou, quer na vida política, quer religiosa, sendo ali o chefe indiscutível do Partido Liberal, e teve como seu lugar-tenente o Coronel Manoel Torres Câmara.

Entre os títulos que detinha, destacamos o de Cavaleiro da Ordem de Cristo, Cônego Honorário e Pregador da Capela Imperial do Rio de Janeiro, Pároco Colocado na Paroquial Igreja de Santo Antônio de Quixeramobim e Visitador da Província do Ceará, em cujas funções representava o Metropolita de Pernambuco.

Na política, desempenhou os mandatos de deputado provincial e geral, secretariou o governo do Presidente José Mariano de Albuquerque Cavalcanti, e como Vice-Presidente, governou interinamente a Província do Ceará em 1861.

Eleito Senador do Império, juntamente com Saldanha Marinho, não chegou a tomar posse.

Nomeado Vigário Colado de Quixeramobim a 29 de novembro de 1834, tornou-se um grande entusiasta de nosso município,

batalhando incessantemente junto aos poderes civil e eclesiástico, na obtenção de ajudas e melhoramentos.

É oportuno ressaltar a sua correspondência de 18 de maio de 1839, dirigida ao Presidente da Província, Dr. João Antônio de Miranda, solicitando as suas vistas sobrê o município de Quixeramobim "pois em todo ele, que corresponde huma população de vinte e quatro mil habitantes (tomando por base deste cálculo as eleições primárias) se conhece apenas huma aula para o sexo masculino, cujo professor hé incompetente."

Como verificamos, já naqueles recuados tempos, o problema do ensino merecia a maior atenção dos homens públicos, sempre interessados na erradicação do analfabetismo.

Outra realização sua, foi a construção do cemitério daquela cidade, uma grande necessidade que se fazia sentir em Quixeramobim, de vez que as igrejas serviam de necropóle, à falta de um campo santo.

Vejamos alguns trechos da sua carta de 29 de outubro de 1860, encaminhada ao Presidente Antônio Marcelino Nunes Gonçalves, sobre o importante assunto:

> "Nesta freguezia não havia cemitério até o anno de 1854; sentia-se esta grande necessidade; eu era o primeiro a lamentar, porque além do mais, continuando o costume de dar sepulturas nas igrejas, e principalmente na Matriz, eu não podia ver esta no estado de asseio e decência que desejava.
>
> Indo a essa Cidade e nesse mesmo anno a convite do Exmo. Sr. Presidente Pires da Motta, este querendo dar-me uma quantia para reparos de minha Igreja Matriz, eu lhe disse que antes precisava para principiar a edificação d'um cemitério, do que anuindo mandou dar-me 500$000. Voltando a esta cidade tratei imediatamente de dar começo à obra, e para isso foi necessário designar um lugar conveniente, o que se fez de acordo com o Presidente da Câmara Municipal e parecer d'um facultativo.
>
> Designado o lugar eu mesmo o fui benzer com toda a solenidade afim de por este meio desvanecer alguns preconceitos ou repugnâncias da parte da população menos ilustrada de dar-se sepultura fora das igrejas, e feito isto, encarreguei da obra do cemitério o meo coadjutor Pró Páraco que era o Padre José Pacintho Bezerra Borges de Meneses."

Não ficaria só aí o seu raio de ação em favor da coletividade de Quixeramobim, terra que praticamente adotou como o seu torrão natal!

Quando da tentativa do Governo Imperial, na introdução de camelos em nossa Província, a fim de suprir as necessidades do homem do campo no período das secas, foi o Conego Pinto de Mendonça, um dos primeiros a requerer alguns desses animais para àquele município.

Disto bem prova a sua correspondência ao Presidente Antônio Marcelino Nunes Gonçalves, em 2 de novembro de 1860:

> "Nos últimos dias de Dezembro do anno passado recebi aqui o lote de camelos que por ordem do Governo Imperial me mandou V. Excia. entregar.
>
> Desde êsse tempo até o mês de Maio do corrente anno, deram-se eles bem, houveram três crias das camelas que vinham prenhas, e pareciam que se acomodariam e progrediriam, de maneira que seriam preenchidas as vistas do Governo Imperial na introdução dêsses animais.
>
> Do meiado do referido mês de Maio por diante, começaram os camelos a ser acometidos de uma terrível lepra e inchação nas articulações, de modo que, a despeito de toda a deligência e esforços para serem curados, nada se pôde conseguir e de todos que recebi, e dos que haviam nascido, apenas escapou um, que mandei entregar a V. Excia, conforme as suas recomendações."

Em sua época foi considerado um dos padres mais inteligentes e cultos da nossa Província, e de grande influência junto ao Governo do Ceará e Bispado de Pernambuco, ao qual nós estivemos subordinados, até a criação da diocese cearense pela Bula Pro Animarum Salute de Pio IX.

Assumiu, por procuração de D. Luiz Antônio dos Santos, 1.º bispo do Ceará, o governo da Igreja Cearense em 16 de julho de 1861, e até a chegada do novo antístite no dia 26 de setembro do mesmo ano, exerceu o importante cargo, o que bem revela o seu grande prestígio.

Não obstante todas essas deferências e honrarias, jamais se esqueceu dos seus paroquianos de Quixeramobim, cuja liberalidade e piedade sempre exaltava:

> "Direi com franqueza e ingenuidade se o espírito religioso dos meus paroquianos não é igual, e nem mesmo digno de ser comparado ao dos primeiros cristãos, em que a par de uma egrégia piedade e liberalidade para o culto, resplandecia uma ilustrada devoção e fervoroso desempenho de suas obrigações religiosas, todavia posso gloriar-me que uma não pequena maioria dos meus paroquianos se mostra tão firme na

sua fé, quanto procura satisfazer os preceitos que lhes impõe a Santa Igreja, da melhor maneira que lhes é possivel, atento às distâncias dos lugares em que moram, e outros inconvenientes que se dão em tôdas as paróquias do sertão."

(Trecho da sua carta ao Presidente da Província Dr. João Antônio de Miranda, em 18/5/1839)

Acometido de uma congestão cerebral, veio a falecer em 15 de abril de 1872, e no dia seguinte, foi sepultado na própria Igreja Matriz, ele que em vida tanto combatera este costume.

Não resta dúvida que o povo assim procedeu para melhor testemunhar o seu apreço e gratidão ao dinâmico sacerdote, que tanto batalhou pelo progresso de Quixeramobim.